

MUSEUS E INSTITUIÇÃO UNIVERSITÁRIA: UM EXEMPLO DE COOPERAÇÃO¹

SÉRGIO LIRA
UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
PORTUGAL

Neste texto apresentam-se alguns dos aspectos porventura mais relevantes da relação entre museus e educação, analisando-se numa perspectiva diacrónica a evolução de tal relação. Seguidamente observam-se as conexões que o mundo universitário e o ambiente museológico têm vindo a desenvolver, dissecando as contribuições de parte a parte no que respeita à formação dos profissionais dos museus. Finalmente, apresenta-se um projecto levado a cabo na Universidade Fernando Pessoa que pretende ligar de forma eficaz a leccionação teórica e teórico-prática da museologia à actividade quotidiana nos museus: os alunos das cadeiras de museologia dispõem de museus, com quem a UFP estabeleceu protocolos de colaboração, onde podem levar a cabo pequenos trabalhos práticos de cariz curricular e onde podem também estagiar, ou seja, adquirir verdadeira experiência profissional.

In this text the author presents some of the most relevant aspects on what concerns museums and education. The analysis of that relation is made in a diachronic manner. The relationship between museums and universities is also under analysis and it focus the contributions of both institutions to the formation of museums' professionals. Finally, the author presents a project held at the Universidade Fernando Pessoa, which is intended to connect students (who have in their curricula museum studies) with the "real world" of working in a museum. The University has some protocols with museums where students can perform small curricular projects or work as volunteers for a period of some months. This contact with the real world of the museums allows professional experience and enables further professional contacts.

INTRODUÇÃO

Os Museus assumem actualmente, entre outras funções, a de instituição com intuitos educativos. Desta forma a sua relação com a Escola enquadra-se num espírito de colaboração onde os museus são, muitas vezes, recursos únicos capazes de cumprir determinados desígnios educativos. Entre eles podemos incluir a própria preparação de profissionais de museus, funcionando o

museu como *Museu Normal*: a par de um *curriculum* teórico o contacto com a prática é, naturalmente, fundamental.

Por seu lado, a instituição Universitária tem vindo cada vez mais a voltar as suas atenções para a formação de profissionais de museus. Não mais facilmente se aceita que as carreiras dos profissionais dos museus sejam iniciadas com formações alheias à instituição museológica e, por maioria de razão, os profissionais de museus tendem a melhorar e completar a sua formação recorrendo à instituição Universitária.

Ainda de referir será a crescente importância que a investigação universitária tem dedicado aos museus como pólo de reflexão teórica: de

¹ O texto que agora se publica foi objecto de uma comunicação apresentada ao IX Encontro Nacional *Museologia e Autarquias*, Loures, Outubro de 1998, no painel *Formação, Carreiras Profissionais. Centros de Recursos*. Apenas foram introduzidas pequenas actualizações, relativamente à versão então apresentada.

há três décadas que os museus têm vindo a surgir como um objecto de estudo em si, cada vez considerado como mais importante. A Universidade, concentrando algum do seu esforço de investigação sobre a instituição *museu*, tem vindo a assumir este objecto de estudo como um dos mais significativos e com potencialidades de desenvolvimento.

Estão assim criadas condições conducentes a uma potencialmente profícua colaboração entre Museus e Universidade: esta fornecendo mão de obra qualificada (ou especializada), aqueles permitindo uma aprendizagem prática que nada pode substituir e usufruindo da preparação superior que a Universidade prevê para os seus estudantes.

Este artigo versa exactamente esta temática, que será abordada numa perspectiva teórica que pretende traçar, ainda que de forma abreviada, algumas das mais significativas contribuições neste sentido. Por outro, lado será apresentado um exemplo, neste momento em fase de desenvolvimento, de colaboração entre vários Museus² e uma Universidade³. Este

² Os museus que aceitaram fazer parte deste projecto são: Museu Arqueológico de Barcelos; Museu dos Biscainhos, Braga; Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, Braga; Museu Hidroeléctrico de St^a Rita, Fafe; Museu da Imprensa, Fafe; Museu do Automóvel, Fafe; Museu de Agricultura de Fermentões; Museu de Alberto Sampaio, Guimarães; Museu Militar do Porto; Serviço de Museus da Câmara Municipal do Porto (Museu Romântico, Casa Museu Guerra Junqueiro, Gabinete de Numismática, Casa Museu Marta Ortigão Sampaio, Coleção Vitorino Ribeiro e vários "Arqueosítios" dependentes dos serviços de museus da CMP); Museu de Agricultura de Vairão; Museu Municipal de Viana do Castelo; Núcleo Museológico das Rendas de Bilros, Vila do Conde.

projecto, que nasceu no ano lectivo de 1997/98, funcionou pela primeira vez em pleno ao longo do ano de 1998/99. Assim, um dos objectivos deste artigo é exactamente dar a conhecer o projecto actualmente em curso⁴.

MUSEUS E EDUCAÇÃO

O sentido educativo, na mais ampla asserção do termo, sempre esteve presente nos museus. Mesmo que admitamos o uso da palavra *museu* abrangendo realidades que, actualmente, dificilmente se enquadram na corrente definição de tal tipo de instituição⁵, dificilmente

³ Universidade Fernando Pessoa - Porto.

⁴ Aquando da apresentação da Comunicação que deu origem a este artigo, o autor pretendia ainda recolher as opiniões e os comentários dos participantes no *Encontro* no sentido de colmatar eventuais falhas ou de alterar algo que pudesse parecer menos acertado. No geral foram os presente de opinião favorável ao projecto que então se apresentava pela primeira vez à comunidade científica.

⁵ Referimo-nos, naturalmente, às definições mais comuns actualmente como sejam: ICOM (International Council of Museums) em 1974: "A museum is a non-profit making, permanent institution in the service of society and of its development, and open to the public, which acquires, conserves researches, communicates and exhibits, for purposes of study, education and enjoyment, material evidence of man and his environment."; (Um museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga comunica e exhibe, para fins de estudo, educação e diversão, evidências materiais do homem e do seu meio ambiente). AAM (American Association of Museums): "A museum is an organized and permanent non-profit institution, essentially educational or esthetic in purpose, with professional staff, which owns and utilizes tangible objects, cares for them and exhibits them to the public on some regular schedule."; (Um museu é uma instituição permanente, organizada e sem fins

se poderá negar a existência de um sentido educativo: os tesouros, as colecções privadas, os *gabinetes de curiosidades*⁶ e os museus reservados a elites privilegiadas⁷ tinham, ainda que por

lucrativos, essencialmente educativa ou estética nos seus propósitos, com quadros profissionalizados, que possui e usa objectos tangíveis, trata deles e os exhibe para o público com um horário regular). NMC (National Museums of Canada) em 1981: "*Museums collect, they preserve and study what they collect and they share both the collections and the knowledge derived therefrom for the instruction and self-enlightenment of an audience.*"; (Os museus colecionam, preservam e estudam o que colecionam e partilham as colecções e os conhecimento delas emanado para a instrução e esclarecimento de um público. MA (Museums Association, U.K.) em 1984: "*A museum is an institution which collects, documents, preserves, exhibits and interprets material evidence and associated information for the public benefit.*"; (Um museu é uma instituição que recolhe/colecciona, documenta, preserva, exhibe e interpreta evidências materiais e informação associada para benefício do público), tendo esta última definição uma série de termos devidamente esclarecidos pela própria MA: *institution* → formal body; long term purpose; *collects* → all means of acquisition; *preserves* → all aspects of conservation and security; *documents* → emphasises need to maintain records; *exhibits* → confirms expectation of visitors to see at least part of the collections, also implies opening at appropriate times; *interprets* → display, education, research, publication; *material* → something tangible; *evidence* → authenticity as «real thing»; *associated information* → all records surrounding an object; *for the public benefit* → deliberately open-ended to reflect current thinking that museums are the servants of society, also that the museum is a non-profit institution. (As traduções são de nossa responsabilidade).

⁶ Veja-se o que afirma Hooper-Greenhill, E. - 1995, *Museums and the Shaping of Knowledge*, Routledge, Londres, especialmente nas pp 126 a 131. Anotem-se ainda as achegas de SILVA, Maria Alice Duarte - 1997, *Colecções e Antropologia - Uma Relação Variável Segundo as Estratégias de Objectivação do Saber*, dissertação apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia Cultural e Social, não publicado, Braga.

⁷ A este respeito é interessante observar o que afirmou um dos raros visitantes do Museu Britânico nos finais do século

vezes de forma menos evidente, funções *educativas*.

Este sentido educativo da instituição museológica acentuou-se progressivamente e, da década de 60 até aos nossos dias, ao menos no que ao nosso país respeita⁸, tal sentido tem vindo a assumir um papel e uma importância cada vez mais notórias. Quanto mais não fosse, por este motivo, o tema tem relevância e pertinência...

Uma das áreas de investigação que actualmente se tem vindo a desenvolver no

XVIII, citado por HUDSON, Keneth - 1975, *A Social History of Museums*, The MacMillan Press Ltd., Londres, pp 8 e 9: "Here [he was certain] I shall regale the mind for two hours upon striking objects. (...) I shall see what is no where else to be seen. (...) The most extraordinary productions of art find their way into this repository (...) We assembled on the spot, about ten in number (...) We began to move pretty fast (...) No voice was heard but in whispers (...) If I see wonders which I do not understand, they are no wonders to me (...) I considered myself in the midst of a rich entertainment, consisting of ten thousand rarities (...) I went out much about as wise as I went in, but with this severe reflection, that for fear of losing my chance, I had that morning abruptly torn myself away from three gentlemen, with whom I was engaged in an interesting conversation, had lost my breakfast, got wet to the skin, spent half-a-crown in a coach hire, paid two shillings for a ticket, been hackneyed through the rooms with violence, had lost the little share of good humour I brought in, and came away completely disappointed."

⁸ Será interessante recordar o que afirmou COUTO, João - "Extensão escolar dos museus", in *Museu*, revista do Círculo Dr. José Figueiredo, II, nº 2, Porto, 1961. Note-se também, ainda a título de exemplo a realização de um seminário, já nos finais da década, exactamente sobre este tema: *MUSEUS e Educação* - Seminário realizado entre 29 e 30 de Maio de 1967, Associação Portuguesa de Museologia, Lisboa, 1971.

âmbito da museologia prende-se também com este papel educativo dos museus: algumas obras reflectem bem as preocupações de análise de tal fenómeno⁹. Desta forma, o papel que o público desempenha nos museus tem vindo a sofrer alterações conceptuais importantes: o público tem vindo a deixar de ser aquele elemento nocivo e indesejável que trás consigo toda uma carga de problemas de segurança e de manutenção para passar a ser o elemento fundamental de um museu; um museu deixa de o ser se não tiver público¹⁰... o interesse do público surge na definição de museu com uma força inegável: é para esse público que o museu existe. Naturalmente que o público busca no museu diferentes e variados estímulos: lazer, diversão, entretenimento, etc. Mas busca, sem dúvida, "educação"¹¹. Responder a esta solicitação tem passado por acções, de parte dos museus, em diversas áreas. Uma dessas, talvez das mais significativas e até ao presente das mais duradouras, tem sido a constituição de departamentos educativos. Os museus assumem o papel de *educadores* e preparam-se para receber

nesses termos quem procura *educação* nas suas instalações e, por vezes, fora delas. Os museus abrem-se, também, ao exterior, aceitam desafios, saem de si próprios (no sentido físico de saírem das paredes protectoras dos edifícios) e assumem o papel de ir ao encontro dos interesses de públicos diversificados.

Um dos públicos, que por natureza da sua actividade, busca uma vertente educativa nos museus é o público escolar: desde os anos iniciais da escolarização até aos níveis de pós-graduação universitária, o público escolar é um dos que mais solicita os museus. Apoiando os *curricula* básicos e secundários, fornecendo elementos de investigação e assumindo o papel de mantenedor de colecções de objectos e de arquivos não disponíveis em outra instância, constituindo-se como objecto de investigação em si próprio, o Museu tem cada vez mais uma presença notória na Escola.

Por outro lado o próprio museu assume funções de escola, ainda que pontualmente. A formação de profissionais de museu começou por formas espontâneas: quem trabalhava num museu (fosse "profissional", fosse "curioso", fosse "carola") aprendia fazendo. As exigências de profissionalismo e de especialização vieram impedir que tais formas de "profissionalização" perdurassem e os profissionais de museus passaram a ver como exigências principais um *curriculum* teórico de nível universitário e um tirocínio prático¹² realizado num museu que funcionava como *Museu Normal*.

⁹ Referimo-nos em especial ao trabalho dos últimos anos de Hooper-Greenhill (HOOPER-GREENHILL, E. - 1980, *The National Portrait Gallery: a case study in cultural reproduction*, dissertação de MA, não publicado, Universidade de Londres; HOOPER-GREENHILL, E. - 1995, *Museums and the Shaping of Knowledge*, Routledge, Londres; HOOPER-GREENHILL, E. (ed. by) - *The Educational Role of the Museum*, Routledge, London, 1994; HOOPER-GREENHILL, E. (ed.) - *Museum, Media, Message*, Routledge, London, 1995).

¹⁰ Veja-se o que afirma KAVANAGH, Gaynor - *History Curatorship*, Leicester University Press, Leicester, 1990, p. 117.

¹¹ Vejam-se os trabalhos de McMANUS, Paulette M. - 1991, "Making sense of exhibits", in KAVANAGH, Gaynor - 1991, *Museums Languages: Objects and Texts*, Leicester University Press, Leicester e de MERRIMAN, Nick - 1993, "Museum Visiting as a Cultural Phenomenon", in VERGO, Peter - 1993, *The New Museology*, Rektion Books, Londres.

¹² Temos em mente o processo português: muitos dos nossos actuais museus surgiram e cresceram nos inícios deste século devido à actividade individual de homens devotados e sem preparação específica; a legislação que foi

Estas alterações tiveram como ponto de partida os próprios museus¹³; ou seja, trata-se de um processo endógeno ao mundo dos museus e, quando a Universidade foi solicitada, a formação que dela se pretendia fazia já parte dos seus *curricula*¹⁴. Não estamos pois, ainda, perante uma atitude activa da instituição universitária face aos museus. Tal situação alterou-se, contudo: a Universidade começou a olhar aos museus como um fenómeno "estudável" e interessante; os museus passaram a objecto de estudo e de preocupação científica; uma parte significativa da formação dos profissionais dos museus passou a transitar necessariamente pelo mundo universitário (estamos a pensar não só nas disciplinas "clássicas" como as que acima se referiram mas também em áreas tão diversificadas como o restauro e a conservação, o *design*, a aplicação prática de experiências da física e da química com fins didácticos, etc.).

sendo produzida em Portugal relativa à profissionalização dos funcionários dos museus segue a linha que descrevemos (ver 1924/12/18 - Lei nº 1700; 1926/02/13 - Decreto nº 11445; 1928/03/22 - Decreto nº 15216; 1932/03/07 - Decreto nº 20985; 1933/01/12 - Decreto nº 22110; 1953/02/27 - Decreto nº 39116; 1965/12/18 - Decreto-lei nº 46758; as datas são as da publicação no diário oficial).

¹³ Julgamos fundamental a consulta da obra de KAVANAGH, Gaynor - 1991, *The Museums Profession - Internal and External Relations*, Leicester University Press, Leicester.

¹⁴ Veja-se o que afirma o Decreto nº 39116, acima já referido: "(...) melhora-se o plano geral dos trabalhos e estudos a realizar pelos estagiários, incluindo nele a frequência e exame de algumas disciplinas da Faculdade de Letras ou da Escola de Belas-Artes [História Geral da Civilização, Epigrafia, Numismática, Esfragística, Paleografia e Diplomática, História de Arte e Arqueologia.] (...)".

Desta forma a inter-relação entre Museus e Universidades passou a ser uma constante, tanto pela investigação sobre o tema "museus" que a Universidade tem levado a cabo nas últimas décadas¹⁵ quanto pela formação dos profissionais de museus que cada vez mais passa necessariamente pela Universidade.

UNIVERSIDADE E FORMAÇÃO

A formação Universitária dos profissionais de museus, ao menos em Portugal, tem privilegiado de alguma forma os graus em disciplinas "clássicas" (como sejam a História, ou a História da Arte ou a Arqueologia, ou qualquer outra directamente relacionada com o tipo de colecções do museu em causa). Lentamente a tendência que se pode observar, até empiricamente, vai no sentido de que as formações em museologia tenham um importância crescente: observamos portugueses buscando graus na área dos estudos museológicos em universidades estrangeiras e observamos também a instalação em Portugal de *curricula* dentro dessas áreas¹⁶.

¹⁵ É interessante verificar que parte significativa dos departamentos de estudos museológicos das universidades europeias e americanas se tem desenvolvido, *grosso modo*, ao longo das últimas três décadas. A título de exemplo pode-se observar o *Museum Studies Department* da Universidade de Leicester que é neste momento o maior departamento do género das universidades europeias e que iniciou formalmente a sua actividade em 1966. No entanto, o seu maior desenvolvimento pode ser detectado especialmente nas duas últimas décadas.

¹⁶ Apenas a título de exemplo pode ser referida a inclusão de duas cadeiras de Museologia no *curriculum* da licenciatura em Antropologia na Universidade Fernando

Esta crescente presença da Universidade na formação dos profissionais de museus é já uma realidade incontornável por exemplo no Reino Unido¹⁷, onde dificilmente (diríamos mesmo, quase com certeza) alguém entra para um quadro de pessoal de um museu sem habilitação universitária na área da museologia. Naturalmente que este tipo de exigência se não verifica em todos os museus: o exemplo do Reino Unido pauta-se por uma forte incidência de museus particulares. Mas mesmo aí, talvez sobretudo aí, a pressão para a profissionalização faz-se sentir¹⁸. Assiste-se já, inclusivamente, a uma "inflação" dos graus académicos necessários para garantir entrada e permanência nesta área do mundo do trabalho: o *first degree* já não é de forma alguma reconhecido como suficiente; mesmo o *postgraduate diploma* parece já não assegurar facilmente as posições pretendidas; os alunos tendem a prolongar os seus estudos até à conclusão de um *master* ou mesmo de um *research degree* (MPhil ou PhD). Desta forma

Pessoa (Porto), a pós-graduação em museologia da Faculdade de Letras (U.P.), o mestrado na Universidade de Coimbra e ainda os vários *curricula* disponíveis na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e Universidade Nova de Lisboa.

¹⁷ Nos parágrafos seguintes pautaremos a nossa análise pela realidade que temos vindo a observar no Reino Unido, e em particular na Universidade de Leicester, mercê do estreito contacto que temos mantido com essa Universidade ao longo do processo de doutoramento.

¹⁸ O processo de "registo" (*Registration Scheme*) dos museus, que visa a uniformização de critério de qualidade a vários níveis, obriga, nas suas várias fases, a uma série de pressupostos dificilmente alcançáveis quando o museu não dispõe de pessoal com formação específica. A este respeito veja-se o artigo "Registration Scheme for museums and Galleries in the U.K." in KAVANAGH, Gaynor - 1994, *Museum Provision and Professionalism*, Routledge, Londres, pp. 311 a 323.

saem para o mercado de trabalho com uma forte componente de formação universitária. Mas que tipo de formação?

A qualquer nível os estudos na área da museologia incluem sempre duas vertentes fundamentais: a análise teórica e o desempenho prático¹⁹. Os cursos são normalmente organizados tendo em conta a necessidade de uma sólida formação teórica (em áreas tão diversas como a gestão, a história social e industrial, as ciências da educação ou a comunicação) e de uma vertente de aplicação considerada necessária. Assim as disciplinas de forte pendor teórico antecedem normalmente as aplicações; as primeiras incursões nos domínios da prática podem ser realizadas dentro da própria universidade (em laboratórios de fotografia, conservação e restauro, marcação, etc.); de seguida os alunos estagiam em museus que concordam em os receber e aí se comportam como profissionais, desempenhando tarefas e assumindo responsabilidades. Esta componente é considerada fundamental e dela depende, geralmente, a obtenção do grau.

Esta presença das vertentes práticas na formação universitária dos futuros profissionais de museus exige uma estreita colaboração entre as universidades e os museus: estas porque precisam de museus onde colocar os seus alunos, aqueles porque colaboram activa e

¹⁹ Estas duas vertentes são facilmente observáveis até do "exterior": quem consultar os prospectos que anunciam os diversos cursos disponíveis na áreas dos estudos museológicos facilmente se aperceberá de que as duas vertentes referidas estão sempre presentes, independentemente do grau académico pretendido.

necessariamente na formação dos seus futuros profissionais, tendo o óbvio interesse de assegurar a maior qualidade a essa formação.

Nesta perspectiva foi lançado ao longo do último ano (1998) um projecto de colaboração entre a Universidade Fernando Pessoa e uma série de museus. Desse exemplo de colaboração, que este ano lectivo (1998/99) começou a funcionar, daremos conta nas próximas linhas.

UM EXEMPLO DE COLABORAÇÃO

As licenciaturas da Universidade Fernando Pessoa incluem, na sua fase final, a realização de um estágio curricular profissionalizante (no mínimo de 240 horas efectivas) e a redacção de uma monografia. Tais exigências destinam-se, antes de mais, a dotar os futuros licenciados de capacidades de actuação no mundo do trabalho que lhes permitam uma inserção eficiente.

A licenciatura em Antropologia inclui também estas duas exigências, naturalmente adaptadas aos conteúdos curriculares do curso. Uma das componentes com algum peso na organização curricular desta licenciatura é a da Museologia, presente no quarto e último ano do curso com duas cadeiras semestrais, num total de setenta e cinco horas lectivas. Os programas destas duas cadeiras estão coordenados²⁰, sendo a sequência pensada de forma a fornecer aos discentes uma base teórica sólida no primeiro semestre e um campo de contacto com a prática museológica actual no segundo, dando especial atenção à realidade portuguesa.

²⁰ Ambas as cadeiras de Museologia (I e II) são da responsabilidade do autor deste artigo.

De acordo com o que acima fomos analisando faltava, evidentemente, a estas duas cadeiras de Museologia um contacto directo com os museus: não indo os discentes aos museus apenas na qualidade de visitantes (ainda que por vezes de visitantes "especiais" no decorrer de visitas de estudo), como se tem vindo a fazer, mas também na de potenciais futuros profissionais. Faltava que os alunos pudessem trabalhar nos museus: primeiro numa perspectiva curricular, depois com um carácter mais "profissional".

Assim, alguns museus²¹ foram contactados sendo-lhes solicitado que aceitassem colaborar com a UFP no desenvolvimento de um projecto que pudesse trazer, tanto aos Museus quanto à Universidade, benefícios mútuos, a saber: a Universidade poderia colocar os seus alunos num ambiente de trabalho real, confrontando-os com as dificuldades, os problemas a resolver, as satisfações do dia-a-dia de um museu, fornecendo-lhes uma primeira experiência de valor inegável; os museus teriam finalistas de uma licenciatura de Antropologia interessados em colaborar e desenvolver projectos com interesse para o próprio museu apoiando realizações em execução ou desenvolvendo acções para as quais o museu não dispusesse facilmente de recursos de mão de obra qualificada.

Para levar à prática estas intenções julgou-se interessante fasear a presença dos alunos nos museus em dois períodos distintos: numa primeira abordagem, e ao longo do desenvolvimento da leccionação das cadeiras de Museologia, os alunos realizaram nos

²¹ Ver lista no início desta comunicação.

museus pequenos trabalhos práticos de aplicação (fichagem de colecções; marcação de peças; trabalhos de campo relativos a um determinado projecto do museu, etc.) que foram objecto de avaliação curricular, integrando-se, portanto, no desenrolar das cadeiras de Museologia. Numa segunda fase, os alunos que assim o desejaram puderam estagiar nos museus da sua escolha, cumprindo a exigência curricular da UFP. Está previsto que tais estágios sejam acompanhados pelo docente responsável pelas cadeiras de Museologia e tenham características profissionalizantes: os alunos devem para com o museu que os acolhe as obrigações normais de um laço laboral (horário de trabalho, pontualidade, esmero e lealdade, entre outros) apesar de os estágios não serem remunerados. Pretende-se nesta fase que os alunos contactem de forma real com o mundo do trabalho num museu, que conheçam da forma mais completa possível o que significa ser profissional de um museu²².

Os estágios serão sempre pensados de forma a que o trabalho desenvolvido pelos alunos interesse aos museus: de outra forma o discente seria um elemento espúrio à vida do museu, causando embaraço e exigindo esforço sem que do seu trabalho resultasse algo de verdadeiramente útil. Naturalmente que entre os museus que aceitaram colaborar com a UFP se podem encontrar diversas formas de trabalhar, vocações específicas, campos de labor marcados. A escolha dos alunos será pautada por essas

²² No final do ano lectivo (1998/99) perto de uma dezena de alunos realizaram já o seu estágio em museus da sua escolha, ou estão ainda envolvidos nesse processo. Até ao momento os resultados correspondem ao que se delineou no projecto apresentado. Ver nota seguinte.

especificidades, conhecidas à partida, mercê dos contactos mantidos ao longo do ano lectivo.

Em contraponto com a justeza teórica deste projecto, já de há anos têm os alunos vindo a solicitar a possibilidade de este tipo de contacto directo com o trabalho efectivo nos museus; neste momento três alunos, que no ano lectivo passado (1997/98) foram finalistas de Antropologia, concluíram já o seu estágio num museu, tendo partido deles a solicitação para tal colocação. Dos actuais finalistas da licenciatura há também alunos envolvidos em estágios em diferentes museus, aguardando-se os resultados dessa actividade, sob a forma de relatórios. Assim, tendo em conta o que vimos afirmando e também essa participação dos discentes, julgamos ter o presente projecto possibilidade de dar, agora e no futuro, bons frutos²³.

Não queremos terminar este texto sem expressar o reconhecimento que julgamos devido aos museus e aos seus responsáveis que acederam com tão boa-vontade à proposta que fizemos: todos nos expressaram a ideia de que

²³ Há data da redacção deste texto, início do ano lectivo de 1998/99, não era ainda, naturalmente, possível avaliar da funcionalidade do esquema montado. Neste momento (finais de Maio de 1999) é já possível ter uma ideia certa de como funcionou esta colaboração entre os vários museus e a UFP: os alunos das cadeiras de Museologia I e II estiveram a realizar trabalhos de tipo curricular em alguns dos museus acima referidos, contactando directamente com as técnicas museológicas, desde a catalogação e marcação de peças até aos processos de conservação preventiva e de recuperação de peças deterioradas, entre outros. Alguns alunos optaram ainda por prolongar as suas permanências nos museus com vista à realização do estágio a que acima nos referimos. Por esta razão alteramos os últimos parágrafos, actualizando a informação. Ver nota anterior.

este projecto será útil de parte a parte e de que se poderá tornar numa base de profícuo trabalho futuro. Neste *Encontro*, onde as Autarquias são um dos actores principais, será devido também acentuar que os museus dependentes de autarquias e que os responsáveis autárquicos pelas áreas da Cultura e da Educação acolheram este projecto com disponibilidade e vontade de o fazer funcionar.

BIBLIOGRAFIA**COUTO, JOÃO -**

1961. "Extensão escolar dos museus", in *Museu*, revista do Círculo Dr. José Figueiredo, II, nº 2, Porto.

HOOPER-GREENHILL, E.

1980. *The National Portrait Gallery: a case study in cultural reproduction*, dissertação de MA, não publicado, Universidade de Londres.

1995. *Museums and the Shaping of Knowledge*, Routledge, Londres.

HOOPER-GREENHILL, E. (ED. BY)

1994. *The Educational Role of the Museum*, Routledge, London.

HOOPER-GREENHILL, E. (ED.)

1995. *Museum, Media, Message*, Routledge, London.

HUDSON, KENETH

1975. *A Social History of Museums*, The MacMillan Press Ltd., Londres.

KAVANAGH, GAYNOR (ED.)

1994. *Museum Provision and Professionalism*, Routledge, Londres.

KAVANAGH, GAYNOR

1990. *History Curatorship*, Leicester University Press, Leicester.

1991. *Museums Languages: Objects and Texts*, Leicester University Press, Leicester.

1991. *The Museums Profession - Internal and External Relations*, Leicester University Press, Leicester.

MCMANUS, PAULETTE M.

1991. "Making sense of exhibits", in KAVANAGH, Gaynor - *Museums Languages: Objects and Texts*, Leicester University Press, Leicester.

MERRIMAN, NICK

1993. "Museum Visiting as a Cultural Phenomenon", in VERGO, Peter - *The New Museology*, Reaktion Books, Londres.

MUSEUS E EDUCAÇÃO

1971. Seminário realizado entre 29 e 30 de Maio de 1967, Associação Portuguesa de Museologia, Lisboa.

SILVA, MARIA ALICE DUARTE

1997. *Colecções e Antropologia - Uma Relação Variável Segundo as Estratégias de Objectivação do Saber*, dissertação apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia Cultural e Social, não publicado, Braga.

VERGO, PETER

1993. *The New Museology*, Rektion Books, Londres.

LEGISLAÇÃO CITADA:

(AS DATAS SÃO AS DA PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL)

Lei n° 1700 -..... 1924/12/18

Decreto n° 11445 -..... 1926/02/13

Decreto n° 15216 -..... 1928/03/22

Decreto n° 20985 -..... 1932/03/07

Decreto n° 22110 -..... 1933/01/12

Decreto n° 39116 -..... 1953/02/27

Decreto-lei n° 46758 - 1965/12/18